



VENEZUELA

Oposição vê risco de migração recorde

Ex-deputada María Corina Machado alerta para a possibilidade de entre 3 milhões e 5 milhões de pessoas abandonarem o país, caso Maduro permaneça no poder pela força. Brasil, México e Colômbia cobram respeito ao direito democrático

» RODRIGO CRAVEIRO

Luis Acosta/AFP



Em fila, migrantes atravessam mata no Panamá, em setembro de 2023: continuidade do regime e repressão podem levar a nova onda de fuga

Mais de 7,7 milhões de venezuelanos fugiram de seu país nos últimos anos — cerca de 6,6 milhões vivem, hoje, em nações da América Latina e do Caribe. A continuidade do regime de Nicolás Maduro, em meio a denúncias de fraude nas eleições de 28 de julho passado, pode provocar um êxodo em massa sem precedentes. O alerta foi feito pela ex-deputada opositora María Corina Machado, durante entrevista à imprensa do México. No início da noite, Brasil, México e Colômbia divulgaram comunicado conjunto — o segundo em uma semana —, no qual insistem na apresentação das atas eleitorais e conclamam as forças de segurança a garantirem “o pleno exercício do direito democrático dentro dos limites da lei”.

“Se Maduro decidir se manter pela força, na marra, poderemos ver uma onda de migração como nunca vimos: 3, 4, 5 milhões de venezuelanos em muito pouco tempo”, declarou María Corina, por meio de videoconferência. “Há tempo de revertermos isso. Não vai acontecer, pelo contrário. Com uma transição ordenada, veremos muitos venezuelanos retornando ao seu país.”

Ao mesmo tempo, o embaixador dos EUA na Organização dos Estados Americanos (OEA), Francisco Mora, admitiu sobre a possibilidade de aumento da pressão internacional sobre Maduro, caso as autoridades venezuelanas prendam os María Corina Machado e Edmundo González Urrutia, candidato da Plataforma Unitária Democrática, que se declarou presidente eleito no pleito de 28 de julho passado. “Se Maduro decidir fazer isso, a comunidade internacional será ativada de uma forma que ele não poderia imaginar,

e acho que seus esforços para fraturar e dividir a comunidade internacional terão fracasso total”, advertiu Mora, em visita ao think tank Atlantic Council, em Washington.

No comunicado, Brasil, México e Colômbia qualificam como “fundamental” a apresentação das atas eleitorais por parte do Conselho Nacional Eleitoral (CNE). Em reunião virtual mantida na véspera, os chanceleres dos três países expressaram respeito à soberania e à vontade do povo venezuelano e prometeram apoiar os esforços de diálogo

e busca de entendimentos que contribuam à estabilidade política e à democracia na Venezuela.

Sem negociação

Na entrevista, María Corina denunciou uma “repressão brutal” na Venezuela, com mais de 2 mil presos políticos no país. A opositora reconheceu o papel de México, Brasil e Colômbia na tentativa de articulação e na abertura de canais de diálogo com o regime, mas reiterou: “Não negociaremos resultados eleitorais”. Ela assegurou que a

Plataforma Unitária Democrática obteve 83,5% das atas eleitorais. “Demonstram que Edmundo González Urrutia é o presidente eleito, com 67% dos votos, e Maduro teve 30%”, disse. De acordo com ela, a oposição venceu em áreas dominadas pelo chavismo nos últimos 25 anos.

Delcy Rodríguez, vice-presidente da Venezuela, ironizou uma “histeria internacional” em torno das atas eleitorais. “E o que têm essas tão alardeadas atas que causaram uma espécie de histeria internacional vinda de Washington e de alguns

governos satélites?”, questionou, durante um encontro com membros do corpo diplomático em Caracas. “Há uma histeria internacional sobre as atas, poderiam até fazer uma série na Netflix, *As atas na Venezuela, histeria coletiva*. Desculpe-me, embaixador da França, mas as atas ofuscaram as Olimpíadas, pois há histeria.”

Por telefone, Nicmer Evans — analista e ex-presos político venezuelano — afirmou que vários estudos e especialistas concluíram que, se o resultado de 28 de julho fosse adverso à oposição, haveria a possibilidade de

Eu acho...

Provea/Divulgação



“Existe o temor de que o regime prenda María Corina Machado e Edmundo González, ante a grande

onda de detenções políticas na Venezuela: são mais de 2,5 mil desde 28 de julho. Em determinadas áreas do país, violam-se os direitos constitucionais. Policiais vistoriam celulares de cidadãos e, se encontram algo que os associe a opositores, os levam detidos. Uma prisão de María Corina e Edmundo poderia causar repercussão incalculável e possíveis distúrbios sociais. A intenção é impactar a capacidade de liderança dos opositores.”

Nicmer Evans, analista e ex-presos político venezuelano

intensificação de uma onda migratória. “Eles calcularam uma diáspora de mais de 2 ou 3 milhões de pessoas. Ante a incerteza produzida pelos questionamentos dos resultados eleitorais, à medida que passam os dias, vemos mais venezuelanos fazerem gestões para abandonarem o país”, explicou ao *Correio*. “Há uma clara mobilização dos cidadãos para migrarem. Haverá um deslocamento territorial nas fronteiras com a Colômbia e com o Brasil”, reiterou.

Segundo Evans, o 10 de janeiro de 2025 será crucial para avaliar as pretensões de Maduro. “É o dia estabelecido pela Constituição para o juramento do presidente eleito em 28 de julho. Depois disso, a debandada de venezuelanos tende a ser muito mais intensa.”

BANGLADESH

Nobel da Paz assume como premiê interino

O prêmio Nobel da Paz Muhammad Yunus assumiu interinamente o governo de Bangladesh, dias depois da queda da primeira-ministra Sheikh Hasina, após semanas de protestos estudantis reprimidos com brutal violência. “Defenderei, apoiarei e protegerei a Constituição”, afirmou Yunus, durante a cerimônia de posse, em Dacca, acrescentando que desempenharia suas funções “com sinceridade”. “A lei e a ordem são nossa primeira tarefa”, declarou, poucas horas antes, o economista de 84 anos, ao retornar a seu país, vindo da França, onde assistia aos Jogos Olímpicos.

“Não podemos dar um passo adiante a menos que solucionemos a situação da lei e da ordem”, disse Yunus, que venceu o Nobel da Paz em 2006 por ter criado um sistema de microcrédito para mulheres em zonas rurais.

Os protestos contra o governo que derrubaram Hasina, que estava no poder havia 15 anos, deixaram pelo menos 455 mortos desde o começo de julho, segundo um balanço da agência

Munir Uz Zaman/AFP



Muhammad Yunus (C) é recebido por militares, no aeroporto de Dacca

France-Press baseado em dados divulgados pela polícia, as autoridades do governo e fontes médicas. “Bangladesh comemora uma segunda independência”, afirmou Yunus. O laureado economista foi designado para liderar o governo interino após uma reunião de crise entre o presidente do país, Mohammed Shahabuddin, os comandantes

militares e os líderes do movimento estudantil à frente das mobilizações.

A perspectiva de ver Yunus ao lado dos principais comandantes militares era inimaginável há uma semana, quando as forças de segurança atiravam contra os manifestantes. As manifestações que levaram à renúncia de Hasina, de 76 anos, se iniciaram com protestos estudantis contra

o sistema de cotas para admissão no serviço público. Seus críticos alegam que o dispositivo beneficiava grupos leais à Liga Awami, o partido da ex-premiê. Centenas de hindus se reuniram na fronteira para tentar fugir em direção à Índia, depois que muitos estabelecimentos comerciais e residências de famílias desta minoria foram atacadas desde a queda do governo de Hasina. O grupo é considerado próximo à ex-primeira-ministra no país de maioria muçulmana. “Meu apelo ao povo é que, se confiam em mim, garantam que não haja ataques contra ninguém, em nenhum lugar do país”, disse Yunus.

O retorno do “banqueiro dos pobres” a Bangladesh foi possível depois que um tribunal o absolveu, na quarta-feira, de uma condenação a seis meses de prisão, anunciada em janeiro, por uma acusação de infringir a legislação trabalhista. À época, o vencedor do Nobel negou as acusações, saiu em liberdade sob fiança e viajou para o exterior. Ao retornar, Yunus afirmou que deseja “eleições livres e justas nos próximos meses”.

Personagem da notícia

O banqueiro dos pobres

Em 13 de outubro de 2006, Muhammad Yunus — professor e fundador do Grameen Bank (“Banco dos Vilarejos”, em bengali) — foi alçado à fama mundial ao ganhar, sozinho, o Prêmio Nobel da Paz. Naquele dia, o banqueiro que emprestou mais de US\$ 5 bilhões para 6,61 milhões de pessoas carentes (97% delas, mulheres) de 71.371 vilas de Bangladesh, a juros irrisórios, concedeu uma entrevista ao *Correio*. Na ocasião, Yunus afirmou que “o microcrédito cria empregos autônomos, estabelece atividades de mercado e desenvolve a economia local”. “O microcrédito é um componente muito importante da política brasileira”, disse.

Ao ser questionado sobre se existe uma fórmula para combater a pobreza, ele respondeu que as pessoas podem usar a inteligência e a criatividade para mudar o mundo. “Podemos combater a pobreza por meio da geração de renda e da criação de empregos autônomos. As pessoas



podem montar um negócio para si mesmas e romper a pobreza.”

Nascido em uma família de nove irmãos, Yunus é formado em economia pela Universidade de Dacca e pós-doutor pela Universidade de Vanderbilt (EUA). Aos 84 anos, terá a chance de governar interinamente para o povo que ajudou a empreender. Em 2008, Yunus esteve no Brasil e foi recebido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. (RC)